

*HISTORIOGRAFIA DA GRAMÁTICA: TÉCNICA, MODELIZAÇÃO,
ESTRATÉGIAS, E CONDICIONAMENTO MATERIAL*

Pierre SWIGGERS¹

Universidade Católica de Lovaina e
Flemish Fund for Scientific Research, Bélgica

Tradução de Jorge Viana de MORAES
(Universidade de São Paulo)

RESUMO: A gramática, que aparentemente é um “dato natural”, é uma técnica definida histórica e conceitualmente para descrever a atividade humana; envolve a aplicação de um modelo a um conjunto de fenômenos linguísticos. Esse modelo implica organização macroestrutural e microestrutural e certas decisões e está ligado a três tipos de estratégias: estratégias analíticas, estratégias de apresentação e estratégias voltadas para a assimilação gramatical. Além de modelo e das estratégias relacionadas, a gramática é condicionada por certos fatores “materiais”, como o contexto cultural, a estrutura linguística da(s) língua(s) descrita(s) e o sistema de escrita utilizado.

¹ **Pierre Swiggers** é professor titular na Universidade de Lovaina (KU Leuven), na Bélgica e Diretor de Pesquisa no F.W.O.-Vlaanderen (Fundo de Pesquisa Científica de Flandres). Com uma formação que integra Filologia Românica, Filosofia, Estudos Orientais e Linguística Geral, Swiggers consolidou-se como um dos principais expoentes da Historiografia Linguística global. Sua produção acadêmica é marcada pelo rigor epistemológico, transitando entre a análise de tradições gramaticais da Antiguidade até a linguística moderna, com foco especial na metahistoriografia e na metodologia das ideias linguísticas. Com forte interlocução com a pesquisa brasileira, é autor de obras seminais que fundamentam o estudo histórico e historiográfico da linguagem como uma disciplina científica autônoma. Filologia Românica; Filosofia; Filologia Oriental; Estudos Medievais (KU L); Doutorado: 1981; Livre-docência (habilitação): 1992; estudos de pós-doutorado (UC Louvain-la-Neuve; Univ. Salzburg; EPHE-Paris; Univ. da Pensilvânia; Univ. do Novo México). Professor visitante em: Univ. de Indiana (1985), Univ. de São Paulo (1993, 2007, 2013), Univ. de Trier (1996), Univ. de Sevilha (1997), Univ. de Salamanca (2006, 2008, 2017), Univ. de Lorraine (2014). E-mail: <pierre.swiggers@kuleuven.be>.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática. Modelo gramatical. Estratégias gramaticais. Gramaticografia. Contexto cultural.

HISTORIOGRAPHY OF GRAMMAR: TECHNIQUE, MODELING, STRATEGIES, AND MATERIAL CONDITIONING

ABSTRACT: Grammar, apparently a “natural” data, is a historically and conceptually defined technique – describing a human activity –, in which a modelization is applied to a body of linguistic phenomena. The modelization, involving a macrostructural and microstructural organization and a number of decisions, is coupled with three types of strategies: analytical strategies, presentational strategies, and strategies with an eye at grammar acquisition. Beyond this modelization and the correlated strategies, grammar is conditioned by a number of ‘material’ factors, such as the cultural setting, the linguistic structure of the language(s) described and the writing system used.

KEYWORDS: Grammar. Grammatical model. Grammatical strategies. Grammaticography. Cultural context.

1. OBJETIVO

O objetivo desta contribuição poderia ser formulado como o intuito de explicitar o que, desde os inícios da gramaticografia espanhola (e de maneira paralela, em outras tradições nacionais), deve-se entender por *reduzir en artificio* a língua². Trata-se, pois, de uma tentativa de iluminar o âmbito do trabalho do gramático.

Assim definido, nosso objetivo tem uma *tripla relevância*:

² “[A]cord[é] ante todas las otras cosas reduzir en artificio este nuestro lenguaje castellano” (Nebrija 1492, *Prólogo*). Trad. [[D]ecidi, antes de todas as outras coisas, reduzir a artificio esta nossa linguagem castelhana.]

(a) relevância para a gramaticografia (= o fato de escrever gramáticas): trata-se de circunscrever o “raio de ação” do gramático, suas tarefas, suas decisões e as implicações de seu trabalho;

(b) relevância para a historiografia da linguística/gramaticografia: na historiografia da gramática trata-se de comparar (ou de estabelecer relações históricas) entre (tipos de) aproximações de gramáticos, e soluções propostas a problemas de gramática;

(c) relevância para a metahistoriografia: a metahistoriografia da gramática reflete sobre a modelagem, sobre abordagens metodológicas e epistemológicas na gramaticografia, sobre o estatuto do “fato” gramatical.

2. A APARENTE EVIDÊNCIA DA GRAMÁTICA

Para muitas pessoas, e em particular para aqueles que lidam/lidamos com gramática e história da gramática, o fenômeno (histórico) da *gramática*³ aparece como uma evidência, quase como um “dado natural”. Mas basta pensar em dois fatos para perceber que isso não se trata de uma evidência:

(1) em primeiro lugar há, todavia, muitas culturas/sociedades que não conhecem o fenômeno da ‘gramática’ (ou gramaticografia) e que não parecem ter necessidade de uma tradição gramatical;

(2) em segundo lugar, em tradições como as ocidentais a gramaticografia se desenvolveu bem tarde (em comparação com o surgimento da escrita) e de maneira muito lenta. Isso é ainda mais verdadeiro com as tradições hebraica, árabe e chinesa.

Não quero me deter nisso, mas gostaria de destacar algo interessante: o fato de que o surgimento de uma reflexão gramatical (ou atividade) parece

³ Para uma aproximação geral ao conceito de “gramática”, veja Palmer (1971).

estar ligado à presença de uma *dualidade* percebida: seja a dualidade entre a linguagem oral e a escrita, ou a dualidade entre uma língua arcaica e a língua do presente, ou a dualidade entre língua materna e língua(s) estrangeira(s). O “reflexo gramatical”, então, parece ter sua origem em uma experiência “diferencial”.

Já mencionei a aparência de evidências a partir da gramática. Essa é uma concepção compartilhada por gramáticos e historiadores da gramática, mas há indícios de uma consciência, entre gramáticos (ou linguistas), de aspectos da *não-evidencialidade*: o fato da “regulação” já é uma manifestação de um conceito de gramática como uma “intervenção (modificadora)” em relação a uma realidade observável. Evidências ainda mais claras de uma visão “não evidencial” da gramática são os conceitos de reformulação (ing. *restatement*)⁴, modelagem⁵, avaliação⁶ (de modelos/teorias/gramáticas).

3. A GRAMÁTICA COMO TÉCNICA

Na escola alexandrina a gramática estava caracterizada como “technê”, um termo que se refere à atividade e à atitude (ἔξις) do gramático, mas também ao resultado de seu trabalho: o livro, ou manual de gramática. Como atividade a gramática era concebida como uma *τέχνη*, uma *ars*, ou seja, uma atividade empírica, que se fundamenta em um saber teórico e prático, e que conduz a um fim⁷. Parece-me muito importante o conceito de uma ciência ou de

⁴ Tentativas de reformulação gramatical são muito típicas da linguística estruturalista americana; para alguns exemplos, veja Harris (1981: 71-88, 89-104, “Structural Restatements I, II”).

⁵ Sobre os aspectos da modelização na linguística e sua relevância na historiografia da linguística, veja Swiggers (1983, 2003).

⁶ A gramática transformacional propunha uma “métrica de avaliação (linguística/gramaticográfica)”; cf. os estudos em Peters (ed. 1972). Sobre a relevância do conceito, veja Goldsmith (2011).

um saber empírico, porque envolve a ideia de uma “base material” e a ideia de uma “sistematização” (utilitária).

Com isso tocamos uma propriedade fundamental do trabalho gramatical: uma gramática nos apresenta, não uma matéria bruta, ou seja, a língua como ela é, mas um produto redutivo sistematizado pelo próprio gramático. Em outro lugar⁸, propus distinguir entre o “*objeto material*” (a “matéria de base” da descrição) e o “*objeto transformado*” (o objeto apresentado pelo gramático: com uma estrutura específica, com certa concretização, em relação às características “diamésicas”, “diatópicas” e “diastráticas” do objeto descrito, e também com um enfoque em certos pontos, que o gramático considera importantes ou úteis para seu público).

A trajetória que conduz a gramática como descrição acabada supõe, de maneira global, uma “técnica”, no sentido em que a palavra é usada na designação da disciplina “história das técnicas”⁹. Mais concretamente, trata-se de uma técnica (a) que “opera” sobre um objeto, (b) que tem uma funcionalidade, e (c) que conduz a um resultado, mediante um instrumento (ou instrumental) e algumas operações.

A técnica que constitui a gramática tem como objetivo o de reduzir um continuum (não observável em sua totalidade) a *unidades*, a *classes* e a *prin-*

⁷ Sobre o conceito alexandrino de ‘gramática’, cf. Swiggers/Wouters (2004a) e sobre as definições de ‘gramática’ na antiguidade grega, cf. Swiggers/Wouters (2015). Sobre os aspectos de continuidade e descontinuidade entre o grego a τέχνη γραμματική grega e a *ars grammatica* latina, veja Swiggers / Wouters (2004b).

⁸ Remeto a Swiggers (2006, 2012b).

⁹ Trata-se da aproximação interdisciplinar (histórica-sociológica-etnológica) chamada *histoire des techniques* em francês e praticada por autores como André Leroi-Gourhan (veja, por exemplo, seus trabalhos de 1943 e 1945) e André-Georges Haudricourt (veja as referências a seus trabalhos em Haudricourt / Dibie 1987). A orientação desta aproximação foi definida por autores como o sociólogo Marcel Mauss e os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre.

cípios (de funcionamento). Pode-se definir a técnica como um complexo de três componentes:

① um *componente conceitual*: trata-se aqui da conceitualização geral do objetivo do trabalho gramatical: o que é descrito?; para que/quem vai servir a descrição gramatical?

② um *componente operacional*: trata-se das operações que o gramático executa.

③ um *componente redacional*: nesse nível podem-se distinguir:

(a) *o formato da descrição gramatical*: é o quadro que se adota;

(b) *a formulação*: é o “preenchimento” do quadro, e compreende a argumentação, a exemplificação e a metalinguagem.

Estes três componentes definem o “campo de ação” ideal (ou global) do gramático que pode ser esquematizado no quadro a seguir. O quadro busca englobar

① A conceitualização do objetivo, em sua extensão a partir da “língua” (= nveis estruturais da língua) ao “discurso” e ao “texto”;

② As (principais) operações as quais se podem recorrer;

③ A “rotulagem” global dos níveis¹⁰: grafofonético (durante muito tempo a análise fônica tomou como ponto de partida a representação gráfica), a morfologia (“etimologia”), sintaxe (ou uma semântica-sintaxe) e um campo que se pode chamar “*pragmá(n)tica*”, um nível no qual a pragmática e a semântica (discursiva) estão em interação;

④ As unidades nas quais se articulam os níveis descritos;

⑤ As funções que desempenham as unidades.

¹⁰ A distinção concreta de níveis é uma questão de decisões gramaticográficas e depende de opções (meta)teóricas. Sobre a articulação entre morfologia e sintaxe, cf. Llorente Maldonado (1967: 215-370).

PLANOS	NÍVEIS	ARTICULAÇÃO	FUNÇÕES
LÍNGUA	(grafo)fonético [eixo sintagmático] [eixo paradigmático]	elementos	função distintiva
	<u>Operações</u> segmentação classificação (características)		
↓ ↓	Morfologia [eixo sintagmático] [eixo paradigmático]	classes categorias (tipos de propriedades)	função distintiva função categorizante
	<u>Operações</u> Identificação de marcas Substituição Proporcionalidade/correspondência (com um conteúdo) Determinação do papel na oração	realizações	função semântica (expressiva)
DISCURSO	Sintaxe (semântica-sintaxe)	sintagma construção	função distintiva
	<u>Operações</u> Agrupação (Re)combinação Inserção/omissão Σ outras operações sobre a linearização Projeção Hierarquização	frase (sequência) proposição (simples/complexa)	função categorizante função semântica função seletiva função construtiva
↓			função comunicativa
	TEXTO	«Pragmá(n)tica»	
	Σ <u>Operações</u> Desmontagem da estrutura informativa/comunicativa		função socio-antropológica

O diagrama constitui um quadro de referência (I) para filtrar (triar) o âmbito, a macroestrutura, os procedimentos e a visão funcional de cada um dos gramáticos que se estuda, assim como (II) para comparar o trabalho (a tarefa) de vários gramáticos¹¹. Deixa-se completar por dois tipos de análise (que, por sua vez, são complementares):

(A) *A análise da microestrutura*: trata-se da organização da fonética em classes de sons (com os seus traços); da organização da morfologia em classes de palavras (com os seus acidentes); da organização da sintaxe segundo tipos de sintagmas, tipos de frases e de orações.

A parte central deste formato gramaticográfico (transmitido desde a antiguidade grega) volta-se para as *partes da oração* e nesta parte destaca uma articulação em “degraus” ou níveis:

Classes (de palavras)
└─ Categorias (= acidentes)
 └─ Realizações

A apresentação das distintas classes de palavras segue o *mesmo roteiro expositivo*:

- (1) Identificação da parte da oração (através de uma definição que, geralmente, é do tipo formal-semântico)
- (2) Identificação e enumeração de suas características ou “acidentes” (= *accidentia*)

¹¹ Para um estudo desses aspectos com referência à gramaticografia francesa, cf. Swiggers (2012a).

(3) Especificação das realizações das características (e, às vezes, um tratamento mais pormenorizado).

A *exemplificação* pode-se dar ao nível de cada um dos degraus: ilustração da definição / ilustração dos acidentes / ilustração das realizações.

Este formato admite uma *variação*:

- (a) Quanto ao número e à ordem dos acidentes e das realizações
- (b) Quanto ao número e à natureza dos exemplos
- (c) Quanto à possível presença de “digressões”.

(B) *A análise da metalinguagem gramatical*: a análise da metalinguagem implica uma análise terminológica e uma descrição terminográfica dos aspectos metalinguísticos que se referem à macro e micro organização da gramática, à denominação de classes, categorias e unidades, à designação de relações (estruturais), assim como a metalinguagem de critérios e procedimentos utilizados pelo gramático¹².

Com relação à definição do campo de ação da gramática, a técnica gramatical pode ser concebida como um dispositivo arquitetônico que compreende duas dimensões:

- (a) A dimensão da modelização
- (b) A dimensão de estratégias (de investigação/de aproximação).

¹² Para um panorama das tarefas, cf. Swiggers (2011); para uma exemplificação no campo da gramaticografia espanhola, cf. Swiggers; Quijada Van den Berghe (2011), e para uma ilustração com relação a um *corpus* de gramáticas didáticas do italiano, cf. Szoc / Swiggers (2013).

4. *MODELIZAÇÃO*

Por modelização, entendemos o tipo de organização, servindo-se de um formato descritivo, que um gramático confere a sua descrição. Sob a modelização se encaixam:

▪ Em um nível mais geral:

① O “modo de organização”: por exemplo o modelo *Word and Paradigm* (ou: modelo de “Classes de palavras”)¹³; outros modos de organização são, por exemplo: a gramática de dependência; a gramática-léxico (ou *lexique-grammaire*)¹⁴; a gramática em cadeia (*string analysis*)¹⁵

② O protocolo estrutural: este protocolo abarca

- notação das formas descritas
- níveis de descrição
- classes e unidades
- “reconhecimento” de características (pode-se acrescentar a ideia

de que a “natureza” das formas permite definir a sua função)

③ O leque de relações “mobilizadas”: combinação (de formas); seleção; ordem (e modificação de ordem); hierarquia

Cada um desses aspectos implica um tipo de metalinguagem¹⁶.

▪ Em um plano mais particular (trata-se aqui da posição¹⁷ deste ou daquele gramático em relação a um *tipo* de modelização):

¹³ Cf. Robins (1959).

¹⁴ Veja, por exemplo, Lamiroy (ed. 1998).

¹⁵ Veja Harris (1962), que compara a *string analysis* com a análise em ‘constituintes imediatos’ e com a análise transformacional.

¹⁶ Ou seja, há um (tipo de) metalinguagem que consiste no modo de organização, um (tipo de) metalinguagem que diz respeito ao protocolo estrutural, e outro que se refere às relações exploradas.

- ① Número e distribuição de classes (de palavras/de orações)
- ② Número e determinação de categorias e realizações¹⁸
- ③ Número e tipo de “recursos” relacionais
- ④ Identificação de funções¹⁹

Aqui também é importante levar a cabo um estudo da metalinguagem (que, às vezes, pode apresentar aspectos muito “idiossincráticos”).

5. *ESTRATÉGIAS*

Por estratégias entendo uma dimensão que pode ser concebida como “estilo de investigação”. De fato, sendo a mesma (em seus contornos gerais) a modelização (distinção das classes de palavras/níveis de descrição/a metalinguagem...), todavia divergências estratégicas podem ser encontradas entre gramáticos. Parece-me que essas divergências estratégicas podem ser de três tipos:

- (A) Estratégias de análise
- (B) Estratégias de apresentação
- (C) Estratégias voltadas para a assimilação da gramática.

As *estratégias de análise* estão vinculadas a três parâmetros:

- (1) o parâmetro da direcionalidade: pode ser uma direcionalidade ascendente, descendente ou uma mescla de ambas

¹⁷ Por exemplo: com relação à distinção de tempos ou de modos (cf. Zamorano Aguilar 2001); com relação à divisão entre tipos de orações.

¹⁸ Para uma aplicação a distintos períodos da gramaticografia espanhola, veja Ramajo Caño (1987), Gómez Asencio (1981, 1985) e Calero Vaquera (1986).

¹⁹ Ou seja, o que Andrés Bello (*Gramática de la lengua castellana*, 1847) chamou de “ofícios”.

(2) o parâmetro de “ancoragem”: trata-se da atitude do gramático ante a distinção forma/significação: ou seja, a diferença estratégica entre o passar da forma à significação ou o passar da significação à forma;

(3) o parâmetro da “regulação descritiva”: o gramático pode adotar uma regulação “processual” (“*Item-and-Process*”), ou uma regulação mais “abstrativa” (“*Item-and-Arrangement*”)²⁰, ou pode limitar-se a uma simples listagem.

Com o parâmetro da regulação descritiva damos um passo para a apresentação de uma gramática. De maneira mais estrita entendemos por *estratégias de apresentação*:

(a) a materialização, ou a “face” textualizada da gramática: apresentação de um texto contínuo / apresentação de um texto esquemático; emprego de possibilidades tipográficas; disposição de aparato de notas; relação entre o texto gramatical e os índices;

(b) a inclusão de figuras, diagramas, quadros.

As *estratégias com vistas à assimilação da gramática*, que estão estreitamente vinculadas às estratégias de análise e de apresentação, referem-se à maneira pela qual o gramático representa a aquisição dos conteúdos de sua gramática. Com relação a isso podem-se distinguir: gramáticas para ser memorizadas, gramáticas de “acompanhamento”, gramáticas de consulta, gramáticas para “reflexão” (linguística).

6. CONDIÇÃO DO MATERIAL

Como já apontamos, a gramática ou gramaticografia não é um fenômeno isolado: ela não somente está conectada com uma experiência (ou situa-

²⁰ Sobre esses dois tipos de descrição linguística, veja Hockett (1954).

ção) de dualidade (ou de distintas dualidades), como também a um contexto cultural, ideológico ou científico geral. Cabe insistir, ademais, sobre o que se pode chamar de “condicionamento material” da gramática ou, melhor dizendo, de uma tradição gramaticográfica. Com o termo “condicionamento material” não quero implicar uma visão marxista, na qual uma ‘infraestrutura’ material determina a superestrutura, mas sim designar o impacto relativo de vários tipos de fatores de natureza ‘factual’ na gramática²¹.

Concretamente, os fatores de condicionamento material de um tipo de gramaticografia (como a gramaticografia sumério-acadiana, indiana, judeu-árabe, greco-latina, e a tradição chinesa, que é principalmente uma tradição lexicográfica)²² parecem-me ser os seguintes:

- (1) O tipo de sistema de escrita utilizado para a língua/ para o grupo de línguas
- (2) O tipo de estrutura linguística
- (3) A natureza da visão cultural, na qual é necessário assegurar a transmissão correta de textos sagrados ou na qual se presta muita atenção a um *corpus* de textos arcaicos.

O *sistema de escrita* implica uma segmentação que favorece ou uma orientação léxica da gramaticografia (= quase ausência de uma “gramática”), ou uma orientação morfêmica da gramaticografia (cf. a tradição indiana e a tradição judeu-árabe), ou uma orientação classemática (é o caso da tradição greco-latina). Ademais, a vinculação com um *tipo de estrutura linguística*

²¹ Poder-se-ia falar de “condicionamento factual”, mas prefiro o termo “condicionamento material” porque o que se subsume sob esses fatores é algo que constitui a “matéria” da obra gramaticográfica.

²² Para um estudo comparativo de tradições “areais”, veja Itkonen (1991).

(analítica ou flexiva) – e, no segundo caso, flexiva em combinação com uma sequência descontínua dos morfemas ou com uma sequência contínua – favorece tipos distintos de organização gramaticográfica. Quanto à visão cultural, é patente que a existência de um corpo de textos sagrados ou “clássicos” tem sido uma motivação importante (e uma base documental) para o trabalho gramatical.

No entanto, esse condicionamento material não é nem suficiente nem necessário: havia culturas (como a cultura persa) que atendiam aos requisitos de condicionamento, mas que não viram (até onde sabemos) o aparecimento de uma gramaticografia. Por outro lado, a história política, socioeconômica e religiosa fez com que certos tipos gramaticográficos acabassem sendo aplicados a línguas que não tinham/tenham uma estrutura correspondente àquela(s) língua(s) para a qual o tipo gramaticográfico foi estabelecido (basta pensar na aplicação do modelo “sânscrito” a outras línguas da Índia e da Ásia e, claro, para a espetacular exportação do modelo greco-latino pela “linguística missionária”)²³.

7. CONCLUSÃO

Propusemos aqui um quadro abstrato e geral, que só “ganha vida” quando se aplica a textos concretos de gramáticos e linguistas. Cabe insistir em três pontos:

(a) Em primeiro lugar, trata-se de um quadro que deve ser manejado com “flexibilidade”, não apenas por ser um quadro “máximo”, mas também porque cada texto apresenta traços individuais e misturas particulares de abordagens, de “operações” e de terminologias;

²³ Veja Zwartjes (2011), com abundantes referências à literatura historiográfica sobre ‘linguística missionária’.

(b) Em segundo lugar, é importante levar em conta que não é o mesmo o que um gramático *diz* e o que *faz* na sua gramática, e que muito frequentemente há uma diferença entre o que se reconhece como campo de trabalho e o que se trata efetivamente em uma gramática;

(c) Em terceiro lugar, o quadro é concebido em relação à(s) tradição(ções) ocidental(is) de gramaticografia (e sua extensão na linguística missionária por exemplo), e, ademais, com uma orientação para a gramaticografia do passado. Assim que se deseja ampliar a visão historiográfica, é possível conferir ainda mais abstração ao quadro e é possível pensar, em vez disso, em um quadro mínimo de “planos de organização” da estrutura linguística que é necessário investigar. Poder-se-ia pensar em algo como isto:

(i) ao nível da ‘constituição: – uma descrição do ‘material constitutivo’

– uma descrição por ‘características’

(ii) ao nível da ‘combinatória’: descrição de processos e de relações de

① integração / fusão

② correspondência

③ determinação

④ seleção / restrição

⑤ incidência

(iii) com relação à ‘modificação’ de elementos/seqüências: descrição de processos de

① mudança categorial

② recategorização

③ transcategorização

④ redução/supressão/elipses

- ⑤ ampliação
- (iv) descrição de processos e mecanismos de ‘linearização’
- (v) descrição dos mecanismos de ‘modulação’ [= entonação/accentuação].

REFERÊNCIAS

CALERO VAQUERA, María Luisa. **História de la gramática española (1847-1920)**: de Bello a R. Lenz. Madrid: Gredos, 1986.

GOLDSMITH, John. **The Evaluation Metric in Generative Grammar**. [Texto de conferência]. Cambridge: MIT, 2011.

GOMEZ ASECIO, José J. **Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1981.

_____. **Subclases de palabras en la tradición española (1771-1847)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1985.

HARRIS, Zellig S. **String Analysis of Sentence Structure**. The Hague: Mouton, 1962.

_____. **Papers on Syntax**. Edição de Henry Hiz. Dordrecht: Reidel, 1981.

HAUDRICOURT, André-Georges; DIBIE, Pascal. **Les pieds sur terre**. Paris: A.-M. Métailié, 1987.

HOCKETT, Charles F. Two Models of Grammatical Description. **Word**, [S. l.], v. 10, p. 210-231, 1954.

ITKONEN, Esa. **Universal history of linguistics**: India, China, Arabia, Europe. Amsterdam: Benjamins, 1991.

LAMIROY, Béatrice (ed.). **Le lexique-grammaire**. Bruxelles: Duculot, 1998. (Travaux de Linguistique, 37).

LEROI-GOURHAN, André. **L'homme et la matière**. Paris: Albin Michel, 1943. [Reimpressão 1971].

_____. **Milieu et techniques**. Paris: Albin Michel, 1945. [Reimpressão 1973].

LLORENTE MALDONADO DE GUEVARA, Antonio. **Teoría de la lengua e historia de la lingüística**. Madrid: Alcalá, 1967. p. 215-370.

NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. Salamanca: [s. n.], 1492.

PALMER, Frank. **Grammar**. Harmondsworth: Penguin, 1971.

PETERS, Stanley (ed.). **Goals of Linguistic Theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1972.

RAMAJO CAÑO, Antonio. **Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1987.

ROBINS, Robert H. In Defence of WP. **Transactions of the Philological Society**, [S. I.], v. 58, p. 116-144, 1959.

SWIGGERS, Pierre. Qu'est-ce qu'une théorie (en) linguistique? **Modèles linguistiques**, [S. I.], v. 5, p. 3-15, 1983.

_____. Continuités et discontinuités, tension et synergie: les rapports du latin et des langues vernaculaires, reflétés dans la modélisation grammaticographique. *In*: GOYENS, Michèle; VERBEKE, Werner (ed.). **The Dawn of the Written Vernacular in Western Europe**. Leuven: University Press, 2003. p. 71-105.

_____. El foco «belga»: Las gramáticas españolas de Lovaina (1555, 1559). *In*: GÓMEZ ASENCIO, José J. (ed.). **El castellano y su codificación gramatical**. Burgos: Instituto castellano y leonés de la lengua, 2006. v. 1, p. 161-214. (De 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford)).

_____. Terminología gramatical y lingüística: Elementos de análisis historio-gráfico y metodológico. **Res Diachronicae**, [S. I.], v. 7, p. 11-35, 2011.

_____. L'homme et la matière grammaticale: historiographie et histoire de la grammaire. *In*: COLOMBAT, Bernard *et al.* (ed.). **Vers une histoire générale de la grammaire française**. Matériaux et perspectives. Paris: Champion, 2012a. p. 115-133.

_____. Historiografía de la gramaticografía didáctica: apuntes metodológicos con referencia a la (historia de la) gramática española y francesa. *In*: VILA RUBIO, Neus (ed.). **Lengua, literatura y educación en la España del siglo XIX**. Bern: Peter Lang; Lleida: Edicions i Publicacions de la Universitat de Lleida, 2012b. p. 15-37.

SWIGGERS, Pierre; QUIJADA VAN DEN BERGHE, Carmen. La terminología del pronombre en la gramática española, de Nebrija (1492) a Bello (1847): Algunos apuntes. **Res Diachronicae**, [*S. l.*], v. 7, p. 263-292, 2011.

SWIGGERS, Pierre; WOUTERS, Alfons. The Concept of “Grammar” in Antiquity. *In*: HASSLER, Gerda; VOLKMANN, Gesina (ed.). **History of Linguistics in Texts and Concepts**. Münster: Nodus, 2004a. v. 1, p. 73-85.

_____. Grammatica: disciplina y doctrina en el mundo romano. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEHL, 4., 2003, La Laguna. **Actas [...]**. Madrid: Arco Libros, 2004b. v. 2, p. 1579-1590.

_____. Definitions of grammar. *In*: MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios (ed.). **Brill's Companion to Ancient Scholarship**. Leiden: Brill, 2015. No prelo.

SZOC, Sara; SWIGGERS, Pierre. Au carrefour de la (méta)lexicographie, de la terminographie, de la grammaticographie et de la linguistique contrastive: La terminologie grammaticale dans les grammaires de l'italien aux Pays-Bas. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y DE FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 26., 2010, Valencia. **Actas [...]**. Berlin: de Gruyter, 2013. v. 7, p. 653-666.

ZAMORANO AGUILAR, Alfonso. **Gramaticografía de los modos del verbo en español**. Córdoba: SPUC, 2001.

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550–1800**. Amsterdam: Benjamins, 2011.